



LIVRO 3 DA TRILOGIA COMANDO SUL

A CIEI TA ÇÃO

JEFF VANDERMEER

CIS

ACEITAÇÃO

JEFF VANDERMEER

TRADUÇÃO DE BRAULIO TAVARES



Copyright © 2014 by VanderMeer Creative, Inc.
Publicado mediante acordo com Farrar, Straus and Giroux, LLC, Nova York

TÍTULO ORIGINAL
Acceptance

PREPARAÇÃO
Elisa Menezes

REVISÃO
Gabriel Machado

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira

DESIGN DE CAPA
© Charlotte Strick

ILUSTRAÇÃO
© Eric Nyquist

REVISÃO DE EPUB
Vanessa Goldmacher

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

E-ISBN
978-85-8057-877-5

Edição digital: 2016

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



Para Ann

000X: A DIRETORA, DÉCIMA SEGUNDA EXPEDIÇÃO

Bem ali, fora do alcance, quase perto de você: o avanço e a espuma da arrebenção, o cheiro penetrante do mar, as silhuetas das gaivotas se entrecruzando nos ares, seus gritos bruscos, incômodos. Um dia normal na Área X, um dia extraordinário — o dia da sua morte —, e ali está você, encostada a um banco de areia, meio protegida por um muro em ruínas. O sol quente contra o seu rosto, e acima a visão vertiginosa da torre do farol, iminente em sua própria sombra. O céu tem uma intensidade de cor que não admite nada além da sua prisão azul. Há areia pegajosa reluzindo no corte profundo que atravessa sua testa; há *algo* picante em sua boca, escorrendo.

Você se sente entorpecida e quebrada, mas há um alívio estranho misturado ao arrependimento: ter percorrido um caminho tão longo, ter parado ali, sem saber o que iria acontecer, e ainda assim... *descansar*. Vir para descansar. Finalmente. Todos os planos que você concebeu lá no Comando Sul, o medo angustiante e permanente de cometer um erro ou coisa pior, o preço daquilo... Tudo agora está escorrendo na areia ao seu lado, em pérolas rubras.

A paisagem avulta à sua frente, curvando-se às suas costas para vê-la melhor. Em alguns trechos ela explode em clarões, ou gira em torvelinho, ou se reduz a um ponto luminoso, antes de voltar a entrar em foco. Sua audição também não é mais o que era; enfraqueceu, juntamente com o seu equilíbrio. E então vem essa coisa impossível: uma voz que brota da paisagem e a impressão de que há olhos sobre você, como um truque de mágica. O sussurro é familiar: *Sua casa está em ordem?* Mas você pensa, seja lá quem está perguntando deve ser um estranho, e você o ignora, não gosta de pensar em quem pode estar batendo à porta.

O latejar no seu ombro, depois daquele encontro na torre, está muito pior. A ferida traiu você, a fez saltar para aquela ardente imensidão azul mesmo contra a

sua vontade. Alguma comunicação, algum gatilho embutido entre a ferida e aquela chama que se aproximou dançando por entre os juncos, traiu a sua soberania. Sua casa raras vezes esteve tão desarrumada e, no entanto, você sabe que independentemente do que deixará daí a uns minutos, outra coisa há de ficar. Desaparecer no céu, na terra, na água não é garantia de morte aqui.

Uma sombra une-se à sombra do farol.

Em seguida, chega o rangido de botas e, desorientada, você grita “Aniquilação! Aniquilação!” e se debate até perceber que a aparição ajoelhada à sua frente é a única pessoa insensível a essa senha.

— Sou só eu, a bióloga.

Só você. Apenas a bióloga. Apenas sua arma desafiadora, arremessada contra as paredes da Área X.

Ela escora você, põe água na sua boca, limpando um pouco do sangue, e você tosse.

— Onde está a topógrafa? — pergunta você.

— No acampamento — responde ela.

— Não veio com você?

Medo da bióloga, medo daquela chama que crescia, tão parecida com você. “Uma chama queimando em fogo lento, um fogo-fátuo, flutuando entre o pântano e as dunas, flutuando e flutuando, não parecia humano, mas algo livre, flutuando.” Uma sugestão hipnótica cujo propósito era deixá-la calma, mesmo não tendo mais efeito que uma canção de ninar.

A conversa avança, mas você continua oscilando, perdendo o fio da meada. Você diz coisas que não quer, tenta manter o seu personagem — a pessoa que a bióloga conhece, aquela imagem construída para ela. Talvez você não devesse se preocupar mais com papéis, a esta altura, mas ainda resta um a ser desempenhado.

Ela acha que você é a responsável, e você não pode culpá-la.

— Se foi um desastre, você ajudou a produzi-lo. Você apenas cedeu ao pânico e desistiu.

Não é verdade — você nunca desistiu —, mas assente de qualquer maneira, pensando em todos os enganos que foram cometidos.

— Fiz isso. Fiz mesmo. Eu deveria ter percebido mais cedo que você tinha mudado. — Era verdade. — Deveria ter mandado você para a fronteira. — Não era verdade. — Não deveria ter descido com a antropóloga.

Não era verdade, não mesmo. Você não teve escolha, depois que ela escapuliu do acampamento, querendo submeter-se àquela provação.

Você tosse um pouco mais de sangue, mas isso agora não importa mais.

— Qual é a aparência da fronteira?

Uma pergunta infantil. Uma pergunta cuja resposta não significa nada. Não existe nada a não ser a fronteira. Não existe fronteira.

Vou lhe dizer quando chegar lá.

— O que acontece de fato quando a cruzamos?

Não é o que você imagina.

— O que foi que você escondeu de nós sobre a Área X?

Nada que pudesse ter sido útil a vocês. Não mesmo.

O sol é um halo esmaecido e sem centro e a voz da bióloga se aproxima e se afasta; a areia é ao mesmo tempo quente e fria dentro de sua mão direita cerrada. A dor, que segue voltando em explosões, agora ataca a cada dois microssegundos, tão presente que nem parece mais estar ali.

A certa altura, você percebe que perdeu a capacidade de falar. Mas continua ali, abafada e distante, como se fosse uma criança deitada num lençol nessa mesma praia, com os olhos cobertos por um chapéu. Embalada até cair no sono pelo barulho constante das ondas e pela brisa do mar, compensando o calor que ondula sobre você, espalhando-o por todos seus membros. O vento contra seus cabelos é uma sensação tão remota quanto o farfalhar da relva que brota de um rochedo em forma de cabeça.

— Sinto muito, mas tenho que fazer isto — diz a bióloga, quase como se soubesse que você ainda pode ouvi-la. — Não tenho escolha.

Você sente algo agarrando e repuxando sua pele, o corte breve e incisivo, enquanto a bióloga recolhe uma amostra do seu ombro infectado. De uma distância enorme, intransponível, descem mãos examinadoras enquanto a bióloga passeia pelos bolsos do seu casaco. Ela encontra seu diário. Encontra sua arma escondida. Encontra sua carta patética. O que fará com elas? Talvez nada.

Talvez apenas jogue a carta no mar, e a pistola junto. Talvez desperdice o resto da vida estudando o seu diário.

Ela continua falando:

— Não sei o que dizer a você. Estou com raiva. Estou com medo. Você nos trouxe para cá e teve a chance de me contar o que sabia, e não o fez. E nunca teria feito. Eu gostaria de desejar que descansasse em paz, mas não acredito que isso aconteça.

E então ela se vai e você sente sua falta, aquele peso de um ser humano ao seu lado, a bênção perversa daquelas palavras, mas não sente a falta dela por muito tempo porque está se dissipando cada vez mais, fundindo-se com a paisagem como um espectro relutante, e pode ouvir uma melodia fraca e delicada à distância, e alguma coisa que já sussurrou ao seu ouvido no passado está sussurrando novamente, e você começa a se dissolver no vento. Uma espécie de olhar alienígena colou-se a você, algo que poderia ser facilmente confundido com os átomos do ar se não fosse uma coisa tão concentrada, tão intencional. Alegre?

Arrebatada por sobre os lagos tranquilos, erguendo-se sobre o pântano, cintilando em reflexos verde-faíscantes contra o mar e a areia da praia no sol de fim de tarde... apenas para girar e aterrissar contra o interior e seus ciprestes, sua água negra. Depois ascende bruscamente de novo rumo ao céu, mirando o sol, uma guinada, um rodopio e logo uma queda livre, girando o corpo para ver de frente a terra que se aproxima veloz, estendida sobre a imagem fugaz dos juncos que ondeiam devagar. Você quase espera avistar Lowry ali, o sobrevivente ferido da longínqua primeira expedição, arrastando-se em busca da segurança da fronteira. Mas em vez disso há apenas a bióloga voltando com dificuldade pelo caminho escuro... e esperando por trás dela, soltando gemidos lamentosos, uma criatura alterada, o psicólogo da expedição anterior à décima segunda. Culpa sua, tanto quanto dos demais; culpa sua, e irrevogável. Imperdoável.

Enquanto você faz uma curva para retornar, o farol aproxima-se veloz. O ar tremula ao passar por ele e depois se recompõe, sempre buscando, sempre experimentando, erguendo-se bem alto apenas para logo descer de novo, e finalmente voando em círculos como um ponto de interrogação, de modo que

you can contemplate your self-sacrifice: that shrunken face in the light, glowing. That sad figure, there dozing, dissolving. A green flame, a sign of restlessness, an opportunity. Are you still flying? Are you still dying, are you dead? You can no longer distinguish.

But the whisper still left you in peace.

You are not there below.

You are up there.

And there is still a question that has not been answered.

One that will keep repeating itself until you have given all the answers.

PARTE I

LUZ DE ALCANCE

0001: O FAROLEIRO

Fiz a vistoria no mecanismo, limpei as lentes. Consertei o cano do jardim. Pequenos consertos no portão. Organizei no barracão as ferramentas, as pás *etc.* Visita da BP&C. Preciso requisitar tinta para a marcação externa — o preto está descascado no lado que dá para o mar. Também preciso de pregos e checar a sirene do lado oeste. Avistei: pelicanos, galinhas-d'água, uma espécie de ave canora, um sem-número de melros, maçaricos, uma andorinha-do-mar, uma águia-pescadora, pica-paus, biguás, azulões, cascavéis anãs (junto da cerca — lembrar), um ou dois coelhos, veados galheiros e, ao amanhecer, perto da trilha, vários tatus.

Naquela manhã de inverno, o vento era frio de encontro à gola do casaco de Saul Evans enquanto ele descia penosamente pela trilha que conduzia ao farol. Tinha caído uma tempestade na noite anterior, e lá embaixo, à sua esquerda, o oceano se estendia cinzento e inquieto de encontro ao azul sem brilho do céu, visto através da agitação e do farfalhar da relva alta. Pedacos de madeira flutuante, garrafas, boias brancas desbotadas e o corpo de um tubarão-martelo tinham vindo parar na areia após o fim da tormenta, emaranhados com bolos de algas, mas não tinha havido nenhum dano real nem ali nem no vilarejo.

Aos pés dele espalhavam-se amoras e o cinza espesso dos cardos, que floresceriam roxos na primavera e no verão. À sua direita, as lagoas estavam escuras com os queixumes abafados dos mergulhões e dos patos. Melros pousados faziam pender os ramos finos das árvores e depois revoavam em pânico à passagem dele, aquietando-se de novo em seus bandos tagarelas. O odor salgado e cortante do ar tinha algo de chama: um cheiro de queimado vindo de alguma casa próxima ou de uma fogueira mal apagada.

Saul vivera quatro anos no farol antes de conhecer Charlie, e ainda morava lá, mas na noite anterior ficara no vilarejo, a quase dois quilômetros de distância, no chalé de Charlie. Era uma novidade, algo que não tinha sido acertado em palavras, simplesmente foi puxado de volta para a cama quando começou a se

vestir para ir embora. Um gesto de acolhimento que fez aparecer no rosto de Saul um meio sorriso desajeitado.

Charlie mal se mexeu pela manhã, quando Saul levantou, vestiu-se e fez ovos para o café. Ele serviu uma porção generosa, junto com uma fatia de laranja, colocando-a sob uma vasilha, para que permanecesse quente, e deixou um bilhete ao lado da torradeira, com o pão pronto para ser preparado. Ao sair, voltou-se para olhar o homem esparramado na cama, barriga para cima, metade do corpo sob o lençol. Mesmo com quase quarenta anos, Charlie tinha um torso enxuto, musculoso, ombros fortes e as pernas rijas de quem passara a maior parte da vida adulta em barcos, arremessando redes, e a barriga seca de quem nunca foi um beberão.

Um clique baixinho na porta, e ele saiu assobiando no vento como um idiota assim que se afastou alguns passos — agradecendo a Deus que o fizera, no fim das contas, um homem de sorte, ainda que com atraso e de maneira tão inesperada. Algumas coisas nos vêm tarde, mas antes tarde do que nunca.

Logo a torre do farol se erguia sólida e alta diante dele. Servia como um ponto de referência durante o dia, de modo que os barcos pudessem navegar na maré baixa, mas também era aceso à noite durante metade da semana, de acordo com os horários do tráfego comercial marítimo. Ele conhecia cada degrau daquelas escadas, cada aposento no interior daquelas paredes de pedra e tijolo, cada rachadura, cada pedacinho de massa corrida. No topo, a extraordinária lente de quatro toneladas, ou farol, tinha sua marca inconfundível, e ele conhecia centenas de modos de ajustar sua luz. Uma lente de primeira linha, com mais de um século de existência.

Como pregador religioso, ele pensara que tinha encontrado uma espécie de paz, uma espécie de missão, mas somente após seu autoexílio, depois de desistir de tudo, Saul descobrira de verdade aquilo que vivia procurando. Levou mais de um ano para entender por quê: pregar tinha sido uma forma de *projetar-se para fora*, de se impor ao mundo, para que o mundo se projetasse de volta sobre ele. Mas cuidar do farol... Isso tinha se tornado um meio de olhar para dentro de si, e parecia menos arrogante. Ali, ele não sabia de nada além das tarefas práticas, aprendidas com seu antecessor: como cuidar das lentes, como operar o

ventilador e o painel de acesso às lentes, como cuidar das instalações, como consertar as coisas que quebravam — dezenas de ocupações diárias. Ele se entregava com prazer a cada parte dessa rotina, reconfortado pelo fato de não ter tempo para pensar no passado, e não se incomodava com as vezes em que trabalhava por longas horas, especialmente agora, com a lembrança do abraço de Charlie no seu corpo.

Mas a recordação desapareceu quando ele viu o que o esperava na área de estacionamento coberta de cascalho, dentro da cerca branca recém-pintada que circundava a torre e o terreno em volta. Uma conhecida caminhonete, já bastante desgastada, estava parada ali, e ao lado dela os costumeiros recrutas da Brigada da Paranormalidade e da Ciência. Eles o surpreenderam mais uma vez, invadiram para arruinar o seu bom humor, e já haviam amontoado seu equipamento ao lado do carro — ansiosos para começar, sem dúvida. Saul acenou de longe para eles, sem muito entusiasmo.

Eram uma presença constante agora, fazendo medições e fotos, ditando relatórios em seus enormes gravadores de fita, rodando filmes amadores. Determinados a descobrir... o quê? Ele conhecia a história daquele litoral, conhecia o modo como a distância e o silêncio ampliavam as coisas mais banais. Sabia como, no meio daqueles espaços e do nevoeiro e da linha deserta da praia, os pensamentos podiam se voltar para coisas estranhas e criar uma história a partir do nada.

Saul avançou devagar, porque os considerava cansativos e cada vez mais previsíveis. Viajavam sempre em dupla, de maneira que pudessem ter tanto sua paranormalidade quanto sua ciência, e ele às vezes ficava pensando nas conversas que eles mantinham — como deviam ser cheias de contradições, tais como as discussões que giravam na cabeça dele nos anos finais de sacerdócio. Ultimamente vinham sempre os mesmos: um homem e uma mulher, ambos na casa dos vinte anos, embora às vezes mais parecessem adolescentes, um garoto e uma garota que fugiram de casa levando consigo um estojo de química comprado na papelaria e uma tábua Ouija de invocar espíritos.

Henry e Suzanne. Embora Saul tivesse presumido que a mulher era a supersticiosa, acabou percebendo que ela era a cientista — cientista do quê? — e

o homem era o pesquisador dos mistérios. Henry falava com um leve sotaque que Saul não conseguiu identificar, e isso punha um enfático selo de autoridade em tudo o que ele dizia. Era rechonchudo, impecavelmente barbeado — ao contrário do barbudo Saul —, tinha olheiras escuras sob os olhos azuis, cabelo preto cortado em cuia com franjas que lhe ocultavam a testa longa e muito pálida. Henry não parecia dar muita importância às coisas terrenas, como o clima do inverno, porque usava sempre alguma variação de camisa de seda azul com botões e calças sociais. As botas negras e reluzentes com zíper lateral não eram feitas para caminhadas, mas para a cidade.

Suzanne era mais parecida com o que se costuma chamar de hippie, mas, na época em que Saul era criança, teria sido considerada comunista ou boêmia. Tinha cabelos louros, usava uma bata branca bordada e uma saia de camurça marrom abaixo dos joelhos cuja barra se encontrava com botas castanhas de cano longo que completavam o uniforme. Algumas semelhantes a ela haviam vagado por ali durante seu sacerdócio — perdidas, sonhadoras, à espera de que algo as acendesse. A fragilidade de sua silhueta a fazia parecer mais, e não menos, a irmã gêmea de Henry.

Os dois nunca haviam dito os sobrenomes, embora um ou outro tivesse falado algo que soara como “Soroesta”, o que não fazia muito sentido. Saul não se importava em conhecê-los melhor, para ser honesto, e tinha se acostumado a chamá-los pelas costas de “a Brigada Leve”, como em “uma refeição leve”.

Quando finalmente se deteve diante dos dois, Saul os cumprimentou com um aceno de cabeça e um olá áspero, e como de hábito os dois passaram a agir como se ele fosse o balconista de um mercadinho do vilarejo, e o farol, um serviço de atendimento ao público. Se os gêmeos não possuíssem uma autorização concedida pelo departamento de parques, teria batido a porta na cara deles.

— Saul, você não parece muito alegre, mesmo num dia lindo como este — disse Henry.

— Saul, o dia está *lindo* — completou Suzanne.

Ele conseguiu assentir e dar um sorriso azedo, o que provocou acessos de riso nos dois. Ele os ignorou.

Mas os dois continuaram a falar enquanto Saul destrancava a porta. Queriam

sempre conversar, embora o faroleiro tivesse preferido que os dois simplesmente fizessem o seu trabalho. Desta vez, era a respeito de algo chamado “duplicação necromântica”, que, pelo que pôde entender, envolvia a construção de um quarto escuro forrado de espelhos. Era um termo esquisito e ele ignorou as explicações dos dois; não via nenhuma relação daquilo com sua vida, ou com o farol.

As pessoas dali não eram ignorantes, mas eram supersticiosas, e, visto que o mar era capaz de ceifar vidas, quem poderia condená-las. Que mal podia fazer alguém usar um amuleto no colar, ou dizer algumas palavras em oração para pedir pela segurança de um ente querido? Intrusos tentando compreender aquelas coisas, tentando “analisar e pesquisar”, como falara Suzanne, afastavam as pessoas porque acabavam banalizando as tragédias vindouras. Mas você se acostumava à Brigada Leve depois de algum tempo, assim como àqueles ratos do céu, as gaivotas. Ele quase aprendera a não reclamar da presença deles nos dias mais sombrios. *E por que reparas tu no argueiro que está no olho do teu irmão, e não vês a trave que está no teu olho?*

— Henry acha que o topo do farol pode servir perfeitamente como um quarto — disse Suzanne, como se isso fosse uma grande e espantosa descoberta.

Saul achava que o entusiasmo dela era sério e autêntico, mas mesmo assim o considerava frívolo e amadorístico. Às vezes eles o faziam lembrar dos pregadores ambulantes que armam tendas na periferia das cidades pequenas e contam com pouco mais do que o fervor de suas convicções. Em alguns momentos ele até pensava que eram charlatães. Na primeira vez que conversaram, Saul achou que Henry tinha dito que estavam estudando a refração da luz numa prisão.

— Já ouviu falar dessas teorias? — perguntou Suzanne quando começaram a subir as escadas.

Ela levava apenas uma câmara leve pendurada ao pescoço e uma maleta na mão. Henry tentava não parecer esbaforido e não disse nada. Era ele quem carregava o equipamento pesado, parte numa caixa: microfones, fones de ouvido, sensores de ultravioleta, filme de oito milímetros e um par de máquinas cheias de mostradores, botões e outros indicadores.

— Não — respondeu Saul, principalmente para ser do contra, porque

Suzanne muitas vezes o tratava como alguém sem cultura, confundindo seu jeito brusco com ignorância, suas roupas informais como pertencendo a um simplório.

Além do mais, quanto menos falasse, mais descontraídos eles iam ficar em sua companhia. Era o mesmo que ocorria com potenciais doadores, quando Saul pregava. E a verdade é que não sabia do que ela estava falando, assim como não sabia o que Henry queria dizer quando contou que estavam estudando o “teiuá” ou o “terror” da região, mesmo quando ele soletrou a palavra como t-e-r-r-o-i-r.

— Partículas prebióticas — conseguiu explicar Henry num tom jovial, mesmo que ofegante. — Energia fantasma.

Suzanne veio em auxílio dele com uma longa preleção sobre espelhos e coisas que podem nos espreitar de dentro deles e como você pode olhar obliquamente para algo e saber mais sobre sua verdadeira natureza do que o encarando, e enquanto isso Saul imaginava se ela e Henry seriam amantes. O súbito entusiasmo dela pelo lado paranormal da Brigada podia ter essa origem mais prosaica. Isso também explicaria a risada histérica dos dois, lá embaixo. Uma ideia pouco generosa, mas ele queria aproveitar o calor da noite passada com Charlie.

— Encontro vocês lá em cima — disse por fim, farto, e subiu a escada às pressas, de dois em dois degraus, enquanto Henry e Suzanne avançavam devagar e logo ficaram fora de vista.

Queria ficar o maior tempo possível sozinho no topo, sem eles. Deveria se aposentar obrigatoriamente aos cinquenta anos, mas pretendia estar com a mesma forma física que tinha no momento. Apesar do rangido nas juntas.

No topo, com a respiração quase normal, Saul ficou satisfeito ao ver a sala da lanterna do jeito que a deixara, com a lente coberta para evitar arranhões e a descoloração devido ao sol. Tudo que ele precisava fazer era abrir as cortinas em torno do parapeito para deixar a luz entrar. A concessão que fazia a Henry, somente algumas horas por dia.

Uma vez, do seu posto de observação, avistara alguma coisa enorme produzindo ondulações por baixo da água, lá bem além dos bancos de areia, uma espécie de sombra, de um cinza tão escuro e profundo que formava uma silhueta lisa, espessa, em contraste com o azul. Mesmo usando o binóculo, foi incapaz de

dizer que criatura era aquela, ou no que ela poderia se transformar se ele a observasse por tempo suficiente. Nunca soube se ela acabara se desmanchando em mil formas pequenas, revelando ser um cardume de peixes, ou se a cor da água e o brilho da luz mudaram e fizeram com que ela desaparecesse, mostrando ser uma ilusão. Naquela tensão entre o que ele era capaz e o que era incapaz de saber sobre o mundo à sua volta, sentiu-se à vontade de uma maneira que não teria se sentido cinco anos antes. Agora não precisava de mistérios maiores do que esses momentos em que o mundo parecia tão miraculoso quanto nos seus antigos sermões. E era uma boa história para contar lá embaixo, no bar do vilarejo, o tipo de história que eles esperavam ouvir de um faroleiro, se é que alguém esperava alguma coisa dele.

— É por isso que estamos tão interessados, toda essa história de como a lente veio parar aqui e da relação que isso tem com a história completa dos dois faróis — disse Suzanne às costas dele.

Ela vinha mantendo uma conversação com Saul na ausência dele, aparentemente, e parecia acreditar que ele tinha lhe respondido. Por trás dela, Henry parecia a ponto de desabar, embora aquela subida tivesse se tornado uma rotina.

Quando depositou o equipamento no chão e recuperou o fôlego, Henry disse:

— Você tem uma vista maravilhosa daqui de cima.

Ele sempre falava aquilo, e àquela altura Saul tinha deixado de dar uma resposta educada, ou qualquer resposta.

— Quanto tempo vocês vão ficar desta vez? — perguntou Saul.

Aquela visita, em especial, já vinha durando duas semanas, e ele tinha adiado a pergunta por temor da resposta.

Os olhos de Henry, sombreados por olheiras, se estreitaram.

— Nossa autorização, desta vez, nos permite acesso até o fim do ano.

Algum acidente antigo ou problema de nascença fazia com que sua cabeça ficasse meio inclinada para a direita, principalmente quando ele falava, a orelha direita quase tocando a curva superior do ombro. Aquilo lhe dava um aspecto mecânico.

— Só para lembrar: vocês podem tocar no farol, mas em hipótese alguma

podem interferir no funcionamento dele.

Saul vinha repetindo esse aviso todos os dias desde que eles reapareceram. No passado, eles tinham chegado ali com ideias estranhas sobre o que podiam e o que não podiam fazer.

— Relaxe, Saul — disse Suzanne, e o faroleiro rangeu os dentes ao ser tratado pelo nome de batismo.

No início eles o chamavam de Sr. Evans, o que preferia.

Ele sentiu mais do que o habitual prazer assumidamente juvenil ao posicionar os dois sobre o tapete, por baixo do qual havia um alçapão e uma plataforma de observação que anos atrás servira para guardar o equipamento para manutenção do farol, antes do advento da automação. Manter aquele espaço escondido da dupla equivalia a manter parte de sua mente a salvo dos experimentos deles. Ademais, se os dois fossem tão observadores quanto imaginavam, teriam percebido o que significava o súbito estreitamento das escadas ao se aproximar do topo.

Quando se certificou de que eles estavam com tudo instalado e não iriam interferir em nada, cumprimentou-os e saiu. Na metade da descida, julgou ter ouvido o barulho de algo se quebrando lá em cima. O ruído não se repetiu. Ele hesitou, depois deu de ombros e continuou a descer a escada em espiral.

*

Embaixo, Saul ocupou-se fazendo pequenos reparos e arrumando o barracão de ferramentas, que estava muito bagunçado. Mais de um adepto de caminhadas tinha se surpreendido ao ver um faroleiro fazendo a manutenção do seu território, como se ele fosse um caranguejo eremita fora da casca, mas a verdade é que havia muito trabalho, devido ao modo como as tempestades e a maresia eram capazes de estragar e corroer tudo ali se ele não estivesse vigilante. No verão, era mais difícil, por causa do calor e das picadas dos insetos.

A garota, Gloria, aproximou-se quando ele estava examinando um barco atrás do barracão, que ficava junto a uma crista elevada de terra e pedra, paralela à praia, e uma fileira de rochas que se prolongava até o mar. Quando a maré subia,

a água inundava aquele trecho para revigorar as poças de maré cheias de anêmonas, estrelas-do-mar, siris-azuis, caramujos e pepinos-do-mar.

A menina tinha uma presença marcante, e era alta para sua idade, nove anos — “Nove e meio!” —, e embora às vezes vacilasse ao escalar as rochas, raramente se percebia um vacilo em sua mente jovem, o que Saul admirava. Sua mente de meia-idade de vez em quando se perdia.

E lá estava ela de novo, uma presença firme sobre as rochas, em seu traje de inverno — jeans, casaco com capuz e um suéter por baixo, botas grossas para pés largos —, enquanto ele finalizava o trabalho no barco e pegava o carrinho de mão para trazer uma carga de compostagem. Ela estava falando com ele. Estava sempre falando com ele, desde que começara a ir ali um ano antes.

— Meus antepassados viviam aqui — afirmou ela. — Mamãe diz que viviam exatamente aqui, onde fica o farol.

Gloria tinha uma voz profunda e tranquila para alguém tão jovem, o que às vezes o deixava admirado.

— Os meus também, menina — respondeu Saul, erguendo o carrinho e derrubando a carga na pilha de compostagem.

Embora, na verdade, o outro lado de sua família tivesse sido uma estranha combinação de contrabandistas de rum e fanáticos religiosos que, como ele gostava de dizer no bar, “tinham vindo para aquela terra fugindo da liberdade religiosa”.

Depois de refletir por um momento sobre a afirmação de Saul, Gloria disse:

— Mas não antes dos meus.

— Faz diferença?

Ele percebeu que tinha esquecido de parte da calafetagem do barco.

A garota franziu a testa; ele podia sentir essa expressão mesmo de costas, tão poderosa era ela.

— Não sei.

Ele a olhou, viu que ela havia parado de saltar de uma rocha para a outra e parecia ter decidido que ficar se equilibrando na borda estreita de uma delas fazia mais sentido. Aquela visão fez o estômago dele se contrair, mas Saul sabia que Gloria nunca escorregava, mesmo que muitas vezes isso parecesse prestes a

acontecer, e toda vez que ele tocou no assunto ela fingiu não ouvir.

— Acho que sim — acrescentou a menina, retomando a conversa. — Acho que faz diferença.

— Eu sou um oitavo índio — disse Saul. — Eu também estava aqui. Parte de mim.

Se é que fazia alguma diferença. Um parente distante tinha lhe falado a respeito do emprego de faroleiro, é verdade, mas ninguém mais havia se interessado.

— E daí? — perguntou ela, saltando para outra rocha estreita, equilibrando-se no topo, os braços oscilando.

Saul deu alguns passos na sua direção, receoso.

A garota o incomodava na maior parte do tempo, mas ele ainda não tinha descoberto um jeito de se livrar dela. O pai da menina morava em algum lugar no interior do continente; a mãe, que tinha dois empregos, num bangalô ao norte da orla. A mulher precisava dirigir até a distante Bleakersville pelo menos uma vez por semana, e devia acreditar que a garota era capaz de se cuidar sozinha de vez em quando. Sobretudo se o faroleiro estivesse por perto para vigiá-la. E o farol exercia sobre Gloria uma espécie de fascinação, algo que ele ainda não havia conseguido quebrar com sua monótona rotina de manutenção e as idas e vidas do carrinho de mão com material de compostagem.

No inverno, ela também ficava muito tempo sozinha, caminhando pela praia enlameada durante a maré cheia, cutucando com uma vara a toca de algum siri ou perseguindo uma corça semidomesticada ou examinando fezes de coiote ou de urso para ver se guardavam algum segredo. O que aparecesse.

— Quem é esse pessoal esquisito que apareceu aqui? — perguntou ela.

Isso quase o fez dar uma gargalhada. Havia muita gente esquisita escondida ali, naquele litoral esquecido, inclusive ele. Alguns se escondiam do governo, outros de si mesmos, outros de esposas. Alguns poucos acreditavam que estavam criando a própria nação soberana. Uns dois provavelmente nem estavam legalmente no país. Ali, as pessoas faziam perguntas, mas não esperavam uma resposta honesta. Bastava que fosse criativa.

— De quem exatamente você está falando?

— Aqueles dois com os cachimbos.

Saul precisou de um momento, durante o qual imaginou Henry e Suzanne passeando pela praia, cachimbos nas bocas, fumando furiosamente.

— Cachimbos? Ah, não são cachimbos. São outra coisa.

Estavam mais para grandes espirais repelentes de mosquitos. Ele tinha permitido que a Brigada Leve os deixasse na saleta traseira do andar térreo durante alguns meses, no verão passado. Quando foi mesmo que a garota viu aquilo?

— Quem são eles? — insistiu ela, enquanto se equilibrava, agora sobre duas rochas, o que pelo menos permitia a Saul respirar tranquilo.

— São da ilha ao norte da costa.

O que era verdade — a base deles ainda era situada na Ilha do Fracasso, que abrigava dezenas deles, sua habitual toca. “Fazendo testes”, como diziam os boatos no vilarejo, onde o pessoal apreciava uma boa história. Pesquisadores privados, com autorização do governo para fazer medições. Mas os rumores insinuavam que a BP&C tinha uma motivação mais sinistra. Seria a meticulosidade e a precisão de alguns deles, ou a desorganização de outros que tinha dado origem àquele boato? Ou eram apenas dois ou três aposentados bêbados e entediados que emergiam dos seus trailers para inventar histórias?

Mas a verdade é que ele não sabia o que a dupla estava fazendo lá na ilha, ou o que pretendiam com o equipamento guardado no térreo, ou mesmo o que Henry e Suzanne estariam aprontando no topo do farol naquele exato momento.

— Eles não gostam de mim— disse ela. — E eu não gosto deles.

Isso fez Saul soltar uma risada, principalmente pela maneira insolente, de braços cruzados, com que ela falou, como se tivesse resolvido que eles seriam seus inimigos eternos.

— Está rindo de *mim*?

— Não — respondeu ele. — Não, não estou. Você é uma pessoa curiosa. Você faz perguntas. É por isso que eles não gostam de você. Só isso.

Pessoas que fazem perguntas não necessariamente gostam de responder.

— Qual é o problema de fazer perguntas?

— Nenhum.

Todos. Depois que uma pergunta é feita, o que parecia certo se torna incerto. Perguntas abrem caminho para a dúvida. Seu pai lhe dissera isso: “Não deixe que lhe façam perguntas. Você já está lhes dando todas as respostas, mesmo que eles não saibam.”

— Mas você também é curioso — replicou ela.

— Por que diz isso?

— Você protege a luz. E a luz vê tudo.

*

A luz podia ver tudo, mas ele tinha esquecido algumas tarefas, pequenas coisas que iriam mantê-lo fora da torre por mais tempo do que gostaria. Levou o carrinho de mão pelo cascalho até perto da caminhonete. Sentia uma vaga ansiedade, pensando se não devia verificar Henry e Suzanne. E se os dois tivessem encontrado o alçapão e feito alguma coisa estúpida, como cair lá dentro e quebrar aqueles pescocinhos estranhos? Erguendo o olhar, viu Henry debruçado no parapeito, olhando para baixo, e isso o fez sentir-se bobo. Como se estivesse paranoico. Henry acenou, ou teria sido algum outro gesto? Tonto, Saul afastou o olhar e deu meia-volta, desorientado pelo brilho do sol.

Então viu algo cintilando por entre a relva, semioculto por uma planta numa moita perto de onde ele encontrara um esquilo morto, dias antes. Vidro? Uma chave? As folhas verde-escuras formavam um círculo irregular, ocultando o que quer que houvesse na base. Ele se ajoelhou, protegeu os olhos com a mão, mas a coisa cintilante ainda estava escondida pela folhagem, ou será que fazia parte dela? Fosse o que fosse, era algo de delicadeza além do comum e, no entanto, o fez lembrar-se da lente de quatro toneladas que havia lá no alto.

O sol era um halo sussurrante às suas costas. O calor tinha aumentado, mas havia uma brisa que erguia as folhas das palmeiras num remexer constante. A garota estava um pouco atrás dele, cantarolando uma musiquinha boba. Tinha voltado das rochas antes do que ele esperava.

Nada existia naquele instante além da planta e daquele brilho que ele não conseguia identificar.

Saul ainda estava de luvas, então se ajoelhou ao lado da planta e estendeu a mão na direção da coisa brilhante, afastando as folhas. O que era aquilo, uma minúscula espiral de luz se mexendo? Lembrava o que se vê num caleidoscópio, só que era de um branco intenso. Mas, fosse o que fosse, girava e faiscava e fugia ao seu toque, e ele começou a sentir-se tonto.

Alarmado, começou a recuar.

Mas era tarde. Sentiu um fragmento penetrar seu polegar. Não houve dor, apenas uma pressão e depois insensibilidade, mas ele levantou-se de um pulo, assustado, soltando uma exclamação e balançando a mão com força. Arrancou freneticamente a luva, examinou o polegar. Percebeu que Gloria o observava, sem entender o que havia com ele.

Agora não havia mais nada cintilando por entre as folhas. Nenhuma luz na base da planta. Nenhuma dor no polegar.

Devagar, Saul relaxou. O polegar não estava latejando. Não havia nenhum ponto de entrada, nenhum corte. Ele apanhou a luva no chão, examinou, não encontrou nenhum rasgo.

— O que foi? — perguntou Gloria. — Você foi picado?

— Não sei — disse ele.

Ele sentiu a presença de outro olhar e virou-se. Ali estava Henry. Como tinha descido a escada tão depressa? Será que havia se passado mais tempo do que ele imaginava?

— Alguma coisa errada, Saul? — perguntou Henry, mas Saul não conseguiu fazer uma conexão entre a preocupação expressa naquelas palavras e qualquer preocupação perceptível em sua voz. Porque não havia nenhuma. Apenas uma ansiedade bem peculiar.

— Não foi nada — respondeu ele, inquieto, mas sem saber por que estava assim. — Acho que arranhei meu dedo.

— Através da luva? Deve ter sido um espinho e tanto.

Henry estava examinando a moita como alguém que tivesse perdido seu relógio favorito ou uma carteira cheia de dinheiro.

— Estou bem, Henry. Não se preocupe comigo. — Estava zangado por parecer um bobo a propósito de nada, mas queria que Henry acreditasse nele. —

Talvez tenha sido um choque elétrico.

— Talvez...

O brilho nos olhos do homem era a luz fria de um farol vindo até Saul de muito longe, como se Henry estivesse recebendo uma mensagem completamente diferente.

— Não há nada errado — repetiu Saul.

Não havia nada errado.

Havia?

0002: AVE FANTASMA

No seu terceiro dia na Área X, tendo Controle como sua taciturna companhia, a Ave Fantasma encontrou um esqueleto entre os juncos. Era inverno, e isso se tornou mais aparente à medida que a trilha se afastava do mar, que tinha sido o ponto de entrada deles. O vento era frio e soprava contra seus rostos, seus casacos; o céu era de um cinza-azul cauteloso que parecia carregar algum segredo essencial. Os jacarés, as lontras e os ratos almiscarados tinham recuado para a lama, fantasmas em algum lugar sob as pancadas e o fervilhar das ondas.

Lá no alto, onde o céu adquiria um azul profundo, ela percebeu o brilho de um reflexo e reconheceu a formação em V de cegonhas, o sol cintilando em tons de prata nas suas penas brancas e cinzentas, enquanto elas cortavam o céu a grande distância e com uma serena autoridade, indo... aonde? Não sabia dizer se estavam experimentando os limites de sua prisão, capazes de reconhecer a barreira invisível antes de cruzá-la, ou se estavam, como todas as outras criaturas aprisionadas ali, apenas operando graças a um instinto mais ou menos lembrado?

A Ave Fantasma parou de caminhar, e Controle parou ao lado dela. Era um homem com maçãs do rosto proeminentes, olhos grandes, um nariz discreto, pele morena. Vestia jeans e uma camisa vermelha de flanela, com um casaco preto e um tipo de botas que não teriam sido a primeira escolha dela para andar na selva. O diretor do Comando Sul. O homem que tinha sido seu interrogador. Tinha constituição de atleta, talvez, mas desde que estavam na Área X, vivia encurvado, murmurando, enquanto examinava sem parar um maço de páginas manchadas de água e enrugadas que conseguira salvar, parte de algum inútil relatório do Comando Sul. Restos flutuantes do antigo mundo.

Controle mal notou a interrupção.

— O que é aquilo? — perguntou ele.

— Aves.

— Aves?

Como se aquela palavra fosse estrangeira para ele, ou como se não tivesse sentido. Ou importância. Mas quem sabia o que era importante ali?

— Sim. Aves.

Especificar mais do que isso seria inútil, em se tratando dele.

Ela pegou o binóculo, acompanhou o modo como as cegonhas viravam numa direção, depois noutra, mas nunca abandonavam a formação: uma espécie de vórtice vivo deslizando pelo céu. O padrão formado por elas lembrava o cardume circular de peixes do qual eles emergiram, em choque, na sua entrada surpreendente na Área X do fundo do oceano.

Se olhassem para a Ave Fantasma lá do alto, as cegonhas iriam reconhecer o que viam? Estariam enviando relatórios para alguém ou para alguma coisa? Por duas noites seguidas ela pôde pressentir animais se agrupando a certa distância do acampamento onde acenderam uma fogueira, como vagos e remotos sensores da Área X. Controle queria pressa, como se ter um ponto de chegada significasse alguma coisa, ao passo que ela queria mais dados.

Já tinha havido algum mal-entendido a respeito da relação entre os dois, depois que chegaram à praia — especificamente, sobre quem estava no comando —, e em seguida ele havia reassumido seu nome anterior, pedindo-lhe que voltasse a chamá-lo de Controle em vez de John, e ela o respeitara. Alguns animais possuíam carapaças que eram vitais para sua sobrevivência. Alguns não podiam viver muito tempo fora delas.

A desorientação de Controle fora agravada por uma febre e uma sensação, oriunda dos depoimentos dela da existência de um “brilho”, que ele também estava assimilando e em breve poderia não ser mais o que era. E com isso, talvez, Ave Fantasma tivesse entendido por que ele enterrava o rosto no que chamava de “meus textos sobre terroir”, por que mentia sobre querer encontrar soluções quando para ela era tão claro que Controle precisava apenas de algo familiar a que pudesse se apegar.

A certa altura do primeiro dia, ela havia lhe perguntado:

— O que seria eu para você, lá no mundo? Você, num dos seus antigos empregos, eu no meu?

Controle não tinha resposta, mas ela achava que já sabia: seria um suspeito, um inimigo do que é certo e verdadeiro. Então, o que eram eles um para o outro ali? Em breve ela precisaria forçar uma conversa de verdade, provocar um conflito.

Mas por enquanto estava mais interessada em algo distante entre juncos do lado esquerdo. Um vislumbre de algo alaranjado? Uma bandeira?

Talvez tivesse se retesado, ou algo em seu comportamento a entregara, porque Controle perguntou:

— O que houve? Alguma coisa errada?

— Provavelmente nada — disse ela.

Depois de um instante, a Ave Fantasma avistou o alaranjado de novo — um trapo, um pedaço velho de pano amarrado a um junco, pendendo para um lado e para o outro ao sabor do vento. A cerca de cem metros no meio do oceano de juncos, aquele pântano de lama traiçoeira. Parecia haver uma sombra ou depressão logo depois, onde os juncos davam lugar a alguma coisa que não podia ser vista de onde eles estavam.

Ela entregou-lhe o binóculo.

— Está vendo?

— Sim. É uma... uma marcação da topógrafa — disse ele, pouco impressionado.

— Porque é bem possível — começou ela, e logo se arrependeu.

— Ok. “É possível” que seja uma marcação da topógrafa. — Controle devolveu o binóculo. — Devemos prosseguir na trilha, ir até a ilha.

Pelo menos dessa vez a palavra *ilha* estava sendo dita com sinceridade, proporcional à sua aversão à ideia de que fossem investigar o trapo.

— Você pode ficar aqui — sugeriu ela, sabendo que Controle não o faria.

Sabendo que ela preferiria que ele ficasse para trás, para que pudesse permanecer sozinha na Área X por algum tempo.

Exceto que: estaria alguém realmente sozinho ali?



Por muito tempo, depois que despertou no terreno baldio e foi levada para o Comando Sul para ser investigada, a Ave Fantasma pensou que estava morta, que estava no purgatório, mesmo não acreditando na vida depois da morte. Essa sensação não se atenuou mesmo quando entendeu que tinha voltado ao mundo real através da fronteira por meios desconhecidos... que ela nem sequer era a bióloga original da décima segunda expedição, mas uma cópia.

Tinha confessado isso a Controle durante as sessões de interrogatório.

— Era um lugar calmo e tão *vazio*... Fiquei esperando ali, com medo de me afastar, com medo de que houvesse alguma razão para que eu estivesse lá.

Mas isso não abrangia todos os seus pensamentos, toda a sua análise. Não havia apenas a questão de saber se ela estava viva, mas de *quem* era, uma questão tornada evasiva pelo seu confinamento no Comando Sul. Ali, passara a examinar aquela sensação de que suas lembranças não eram de fato suas, de que eram de segunda mão, e não podia saber se isso era por causa de algum experimento feito no Comando Sul ou se era produzido pela Área X. Mesmo durante a sua complexa fuga rumo à Central, havia uma noção de *projeção*, de que aquilo estava acontecendo a outra pessoa, de que ela era apenas uma solução provisória, e que talvez esse distanciamento a tivesse ajudado a evitar a captura, tivesse adicionado uma camada de calma absoluta às suas ações. Quando chegou aos confins de Rock Bay, um lugar tão familiar à bióloga que estivera ali antes, teve algum tempo de paz, deixou que a paisagem a absorvesse de uma maneira diferente, esfarelado-a, de modo que ela pudesse se reconstruir outra vez.

Somente quando os dois irromperam na Área X, a Ave Fantasma conseguiu de fato dominar sua inquietação, sua falta de foco. Teve um segundo de pânico quando a água que a cercava, por todos os lados, evocou o seu próprio afogamento. Mas então alguma coisa se *ligou*, ou retornou, e ela, insurgindo-se contra a própria morte, exultou com a sensação da presença do mar, agradeceu a chance de lutar e abrir caminho até a superfície, explodindo através de uma histeria alegre de biomassa, como uma espécie de prova de que ela não era a bióloga, de que era uma nova coisa que podia, por querer sobreviver, jogar para longe seu medo de se afogar, como se pertencesse a outra pessoa.

Depois disso, mesmo a tarefa de ressuscitar Controle na praia serviu como

uma prova inegável de sua própria soberania. O mesmo se deu com sua insistência de que deviam seguir para a ilha, não para o farol. “Para onde a bióloga teria ido, é para lá que eu vou.” A verdade, a *correção* daquilo lhe deu esperança, a despeito da sensação de que tudo que recordava tinha sido observado através de uma janela aberta para a vida de outra pessoa. Algo que não fora experimentado de fato. Ou que não fora experimentado ainda. “Você quer uma vida vivida intensamente porque não tem uma”, Controle lhe dissera, mas essa era uma maneira rude de colocar as coisas.

Não houve muito a ser experimentado desde então. Nada monstruoso ou fora do comum surgira no horizonte, depois de quase três dias inteiros de caminhada. Nada sobrenatural, exceto pelo aspecto hiper-realista da paisagem, os processos que atuavam por baixo da superfície. Ao cair da noite, às vezes, uma imagem da estrela-do-mar da bióloga lhe vinha à mente, brilhando de leve, como uma bússola que a arrastava, e ela percebia novamente que Controle não podia sentir o mesmo. Ele não podia se orientar por entre os perigos, reconhecer as oportunidades. O brilho a tinha abandonado, mas alguma outra coisa surgira para substituí-lo.

— Contrailuminação — disse ela, quando ele confessou estar confuso porque a Área X lhe parecia tão normal. — Você pode conhecer uma coisa e não conhecer essa coisa. As marcas de um mergulhão, vistas de cima, são bastante óbvias. Você não pode deixar de reconhecer um mergulhão, se o avistar do alto. Visto por baixo, no entanto, quando está planando sobre a água, ele é praticamente invisível.

— Mergulhão?

— Uma ave. — Outra ave.

— Tudo isso é um disfarce? — perguntou ele com uma espécie de incredulidade, como se a realidade já fosse estranha o suficiente.

A Ave Fantasma abrandou um pouco, porque não era culpa dele:

— Você nunca andou por um ecossistema que não estivesse comprometido ou disfuncional, não é verdade? Pode até pensar que sim, mas não, não andou. De modo que, em qualquer caso, você pode confundir o que é certo com o que é errado.

Aquilo podia não ser verdade, mas ela queria se manter apegada à ideia de autoridade, não queria entrar em uma nova discussão sobre o lugar aonde estavam indo. Sua insistência em ir na direção da ilha estava protegendo não apenas sua própria vida, mas a dele também, acreditava. Não tinha interesse em últimas chances, em últimas investidas desesperadas contra as armas do inimigo, e algo no modo de ser de Controle a levava a crer que ele estivesse se preparando para esse tipo de solução ao passo que ela ainda não tinha se comprometido com nada além da vontade de saber mais — a respeito de si mesma, e da Área X.



Era impossível escapar à luz daquele lugar, tão brilhante e, no entanto, distante. Ela produzia uma claridade rara nos juncos e na lama e na água que refletia e acompanhava a caminhada dos dois ao longo dos canais. Era a luz que a fazia sentir-se como se deslizesse, porque a levava a perder de vista os próprios passos. Era a luz que reabastecia a calma dentro dela. A luz explorava e questionava tudo, de uma maneira que Controle talvez não fosse capaz de entender, e depois recuava, permitindo que aquilo que fora tocado continuasse a existir por si só.

Talvez também fosse a luz o que atravessava seu caminho, porque o avanço deles era cheio de recuos, de vacilos, enquanto usavam uma vara para examinar o chão à frente à procura de ameaças, os feixes espessos de juncos formando às vezes uma barreira impenetrável. A certa altura, um carão, pintalgado de marrom e quase invisível junto aos juncos, ergueu-se tão perto deles e tão silenciosamente que ela quase se assustou ainda mais do que Controle.

Acabaram chegando junto do trapo alaranjado atado à ponta do junco e viram além dele algo como uma catedral amarelada, semiafundada na lama.

— Que diabo é isso? — perguntou Controle.

— Está morto — disse ela. — Não pode nos fazer mal.

Controle continuava a reagir com exagero diante do que ela considerava

estímulos insuficientes. Assustadiço, ou quem sabe traumatizado por alguma outra experiência totalmente diversa.

Mas a Ave Fantasma sabia muito bem o que era aquilo. Afundada no meio daqueles despojos via-se a medonha caveira e a máscara ressecada e descolorida de uma cara que os fitava sem olhos, debruada de lodo e de líquens.

— A criatura que gemia — explicou ela. — A criatura que sempre gemia ao anoitecer.

E que tinha perseguido a bióloga através dos juncos.

A carne tinha se desprendido, escorrido ao longo dos ossos e se misturado com o solo. O que restava era um esqueleto que parecia uma estranha mistura entre um gigantesco porco e um ser humano, com um conjunto de costelas menores pendendo das maiores como um macabro candelabro interno, e tíbias que terminavam em extremidades nodosas de cartilagem mordiscada por pássaros, coiotes e ratos.

— Está aí há muito tempo — disse Controle.

— Sim, está.

Tempo demais. Um arrepio de alarme a fez examinar o horizonte em busca de algum intruso, como se aquele esqueleto fosse uma armadilha. Estava vivo dezoito meses antes, e mesmo assim exibia agora um estado de decomposição muito avançado, com o que restava da cara sendo a única coisa que permitia identificá-lo. Mesmo que a criatura, a transformação do psicólogo que fazia parte do que Controle chamava de “a última décima primeira expedição”, tivesse morrido imediatamente após a bióloga tê-la encontrado viva... a velocidade de decomposição não era natural.

Controle não tinha percebido, no entanto, de modo que ela decidiu não compartilhar seus pensamentos. Ele apenas caminhou em torno do esqueleto, examinando-o.

— Quer dizer que isto foi uma pessoa, em algum momento — disse ele, e repetiu a frase quando ela não respondeu.

— É possível. Pode ter sido também um “duplo” que não deu certo.

A Ave Fantasma não se considerava um duplo que não dera certo, como aquela criatura. Tinha vontade, tinha livre-arbítrio.

Talvez uma cópia pudesse ser superior ao original, pudesse criar uma nova realidade evitando velhos equívocos.



— Tenho seu passado na minha cabeça — comentara-lhe Controle, assim que os dois se afastaram da praia, com a intenção de trocar informações. — Posso repassar tudo para você.

Uma ladainha antiga agora, algo indigno tanto dele quanto dela.

O silêncio da Ave Fantasma forçou-o a começar, e embora ela achasse que ele podia ainda estar guardando alguma informação, suas palavras, injetadas de urgência e de uma espécie de paixão, tinham um tom de sinceridade. Às vezes, também, um desamparo se infiltrava, algo cuja natureza ela entendia muito bem e escolhera ignorar. Algo que já tinha percebido com facilidade desde o tempo em que ele a visitava nos alojamentos no Comando Sul.

Depois que ele lhe disse que a psicóloga da décima segunda expedição tinha sido a ex-diretora do Comando Sul e que considerava a bióloga o seu projeto especial, sua principal esperança, a Ave Fantasma começou a rir. Sentiu um afeto súbito pela psicóloga e lembrou-se de suas desavenças durante as entrevistas de qualificação. A desonesta psicóloga/diretora, tentando combater uma coisa tão vasta e profunda como a Área X com algo tão estreito e tão obtuso quanto a bióloga. Quanto ela. Uma repentina garriça, num voo rápido através das sarças até se perder de vista, pareceu concordar com essa opinião.

Quando chegou sua vez de falar, a Ave Fantasma admitiu que àquela altura lembrava-se de tudo até o ponto em que tinha sido escaneada ou atomizada ou replicada pelo Rastejador que vivia dentro do túnel/torre — o momento de sua criação, que podia ter sido também o momento da morte da bióloga. Mas quando descreveu o Rastejador e como vira o rosto do faroleiro ardendo por entre as camadas de mito que o formavam, percebeu a descrença brilhando através de Controle, como se ele fosse um daqueles peixes translúcidos do oceano profundo. Entre todas as coisas impossíveis que já tinha testemunhado, que

diferença fazia uma a mais?

Ele não fez nenhuma pergunta que já não tivesse sido feita de alguma forma pela bióloga, a topógrafa, a antropóloga ou a psicóloga durante a décima segunda expedição.

De algum modo, aquilo também criava um desconfortável efeito de duplicação, sobre o qual ela ficava internamente se questionando. Porque às vezes não concordava com algumas decisões que tinha tomado, com as decisões da bióloga. Por exemplo: por que o seu outro “eu” havia tratado as frases escritas na parede de uma maneira tão descuidada? Por que não enfrentara a psicóloga/diretora assim que ficara sabendo da hipnose? O que havia ganhado ao descer a torre ao encontro do Rastejador? Algumas dessas coisas a Ave Fantasma era capaz de perdoar, mas outras a incomodavam e a faziam girar em espirais de o-que-poderia-ter-sido, até ficar furiosa. Quanto ao marido da bióloga, rejeitava-o inteiramente, sem ambivalência, porque com ele viera também a desolação de morar na cidade. A bióloga tinha sido casada, mas a Ave Fantasma não, e não se sentia mais responsável por nada daquilo. Não entendia, na verdade, como a sua réplica pudera se acostumar àquela situação. Um dos desentendimentos entre ela e Controle tinha sido sobre deixar claro que sua necessidade de experiências vividas, para suplantar as lembranças que não eram suas, não se estendiam à relação entre os dois, fosse qual fosse a imagem dela que Controle tinha em mente. A Ave Fantasma não podia mergulhar com ele em algo físico e recobrir o irreal com o comum, o mecânico, não quando as lembranças que tinha eram de um marido que voltara para casa com a memória apagada. Qualquer concessão iria magoar a ambos. Estava fora de questão.

Parado diante do esqueleto da criatura que gemia, Controle perguntou:

— Quer dizer que eu posso terminar assim? Uma versão de mim mesmo?

— Nós todos terminamos assim, Controle. Mais cedo ou mais tarde.

Mas não propriamente assim, porque daquelas órbitas vazias, daqueles ossos cobertos de mofo, vinha ainda uma impressão de brilho, uma espécie de vida — uma interrogação na direção dela, e que Controle era incapaz de sentir. A Área X a estava observando através daqueles olhos mortos. A Área X a estava analisando por todos os lados. Aquilo a fazia sentir-se como um vulto criado por

um olhar que incidia lá do alto sobre ela, um vulto que se movia apenas porque o olhar se movia e o arrastava, mantinha juntos os átomos que a constituíam e lhe davam uma forma coerente. E, mesmo assim, aquele olhar parecia familiar.

— Pode ser que a diretora tenha se enganado quanto à bióloga, mas talvez você seja a resposta.

Havia apenas um pouco de sarcasmo na voz de Controle, como se ele soubesse o que ela estava sentindo.

— Não sou uma resposta — disse ela. — Sou uma pergunta.

A Ave Fantasma podia ser também uma mensagem em carne e osso, um sinal materializado, mesmo que ainda não tivesse descoberto que história deveria contar.

Ela pensava também no que tinha visto ao longo do trajeto dos dois até a Área X, como parecera que não havia nada em torno deles senão as terríveis ruínas enegrecidas de vastas cidades, enormes navios encalhados, iluminados pelas chamas vermelho-alaranjadas de fogueiras que projetavam sombras imensas e obscureciam a visão de coisas longínquas que choramingavam e se arrastavam e saltavam através das cinzas. Como havia tentado bloquear o fluxo das confissões balbuciantes de Controle, as coisas chocantes que ele dizia sem perceber, para que ela não pensasse que ele tinha um segredo. *Pegue a arma... Conte-me uma piada... Eu a matei, a culpa foi minha...* Ela sussurrara fórmulas hipnóticas no ouvido dele, não apenas para abafar suas palavras, mas também o espetáculo de horrores em volta dos dois.

O esqueleto diante deles tinha sido roído até ficar limpo. Os ossos descoloridos estavam apodrecendo, as pontas das costelas já haviam se tornado macias por conta da umidade, muitas delas partindo-se, desaparecendo na lama.

No alto, as cegonhas ainda davam guinadas e mudavam de direção, numa dança aérea complexa, sincronizada, mais bela do que qualquer coisa criada pela mente humana.

0003: A DIRETORA

Nos fins de semana, seu refúgio é o Chipper's Star Lanes, onde você não é a diretora do Comando Sul, mas uma frequentadora qualquer do bar. O Chipper's fica na rodovia, fora de Bleakersville, a um passo do fim de uma estradinha de terra. Pode ser que o pessoal de Jim Lowry, lá na Central, conheça o lugar, e vigie e escute tudo, mas você nunca encontrou ninguém do Comando Sul por ali. Mesmo Grace Stevenson, sua assistente, não sabe da existência do lugar. Como disfarce, você veste uma camiseta de uma construtora local ou de um evento de caridade tipo concurso de comida mexicana, uma velha calça jeans de quando estava gorda, às vezes finalizando com um boné com o logotipo de sua churrascaria preferida.

Você joga boliche, como fazia com seu pai quando era garota, mas em geral começa lá fora, sozinha, na pista de minigolfe Safari Adventure, meio deteriorada mas ainda funcionando. Os leões no nono buraco são um amontoado de formas de plástico, vultos adormecidos e escurecidos nas bordas por algum acidente em tempos remotos. O enorme hipopótamo que se ergue por cima do último buraco, o décimo oitavo, tem tornozelos delicados e manchas descascadas que revelam tinta vermelho-vivo por baixo, como se seus fabricantes tivessem a obsessão de torná-lo real.

Depois você entra e joga algumas partidas casuais de boliche com um grupo que precise de uma quarta pessoa, sob o universo desbotado pintado no teto: ali está a Terra, ali está Júpiter, ali está uma nebulosa roxa com um centro vermelho, tudo isso iluminado à noite com um show de laser bem vagabundo. Você joga bem umas quatro partidas, raramente fazendo mais de duzentos pontos. Depois que acaba, vai se sentar na penumbra confortável do bar. Ele fica enfiado lá no fim, o mais longe possível do salão cheio de calçados fedidos, e de algum modo a acústica consegue abafar os rangidos, as pancadas secas, o rolar das bolas do

boliche. Tudo aquilo fica muito próximo da Área X, mas, como ninguém sabe disso, essa informação pode continuar matando os frequentadores tão lentamente quanto vem fazendo nas últimas décadas.

O Chipper's atrai sobretudo seus clientes fiéis, porque não passa de uma espelunca, com feltro escuro grampeado no teto que finge estar cheio de estrelas. Mas seja qual for o metal pregado lá em cima, parecendo mais uma coleção interminável de estrelas de xerifes dos velhos faroestes, já está enferrujando há muito tempo, de modo que agora o que se vê é um preto fosco salpicado de estrelas-do-mar de um marrom avermelhado. Uma placa num canto anuncia que aquele é o Star Lanes Lounge, que consiste em meia dúzia de mesas redondas de madeira e cadeiras com estofamento de couro sintético que parecem ter sido roubadas muito tempo atrás de alguma cadeia de restaurantes.

A maior parte dos seus companheiros no bar está profundamente concentrada em um evento esportivo na TV, muda e com legendas; o velho carpete verde, que sobe pelas paredes, absorve o murmúrio das conversas. Os clientes habituais são inofensivos e raramente fazem muito barulho, incluindo uma Corretora que se acha uma sabe-tudo, o que acaba por torná-la uma boa contadora de histórias. E há também o homem setentão de barba grisalha, que está quase sempre na extremidade do balcão tomando uma cerveja light. É veterano de alguma guerra, oscila entre lacônico e amistoso.

Seu disfarce de psicóloga não se enquadra muito bem ali, e você prefere não usá-lo. Em vez disso, diz a quem pergunta que é uma caminhoneira curtindo uns dias de folga e toma um longo gole de cerveja para encerrar aquela parte da conversa. As pessoas acham plausível que você tenha esse tipo de trabalho; talvez alguma coisa na sua altura e na largura dos seus ombros ajude a convencê-las. Mas na maioria das noites você quase chega a acreditar que de fato é uma caminhoneira, e que aqueles indivíduos ali são meio que seus amigos.

A Corretora diz que aquele homem não é um veterano como alega ser, somente “um alcóolatra à procura de solidariedade”, mas você percebe que ela solidariza um pouco com isso. “Eu mesmo escolho a minha hora” é uma das frases favoritas do veterano. Assim como “o cacete que não existe”. O resto da clientela é um cruzamento de enfermeiras, alguns mecânicos, uma cabeleireira,

alguns recepcionistas e funcionários de escritório. O que o seu pai chamaria de “pessoas sem autorização para ver o que acontece atrás das cortinas”. Você não se dá o trabalho de investigá-los, ou aos *barmen* que não param quietos, porque isso não tem importância. Nunca diz nada arriscado ou confidencial quando está no Chipper’s.

Mas algumas noites, quando fica até tarde e o bar esvazia, você rabisca num guardanapo ou num descanso de copo uma ou duas ideias que não a deixam em paz — alguns dos quebra-cabeças inesgotáveis propostos por Whitby Allen, um especialista em ambientes holísticos subordinado a Mike Cheney, o diretor excessivamente jovial do setor de ciências. Você nunca lhe pediu essas perguntas, mas isso não detém Whitby, que parece viver com a cabeça em chamas e a única maneira de apagar esse incêndio é derramando suas ideias. “O que há do lado de fora da fronteira quando se está dentro dela?” “O que é a fronteira quando você está dentro dela?” “O que é a fronteira quando alguém está do lado de fora?” “Por que a pessoa que está dentro não pode ver a pessoa que está fora?”

— Minhas afirmações não são melhores do que as minhas perguntas — admitiu Whitby certa vez. — Mas se você quer respostas mais fáceis, é só se servir do que eles estão distribuindo na Barraca de Ciências de Cheney.

Um documento impressionante avaliza as ideias de Whitby e reluz por baixo da membrana lustrosa de uma capa de plástico transparente. Em um fichário de três aros preto novo em folha — folhas perfuradas com requinte e sem um único erro de digitação nas doze páginas do texto, com uma folha de rosto imaculada, está uma obra-prima sob o título de “Teorias Combinadas: Uma Abordagem Completa”.

O relatório é tão brilhante, hábil e rápido quanto o próprio Whitby. As questões que propõe, as recomendações que faz, deixam transparecer sem muita sutileza que, para ele, o Comando Sul poderia ter desempenho melhor, que ele mesmo poderia ter um desempenho muito melhor se pelo menos lhe dessem uma chance. É muita coisa para digerir, principalmente com o setor de ciências emboscando-o através de memorandos repletos de críticas, enviados exclusivamente para você: “Suposições ainda em busca de provas; parece que

perdeu a cabeça em algum lugar.” Talvez na bunda.

Mas para você o tema é da maior seriedade, principalmente uma lista de “condições necessárias para a existência da Área X”, que incluem:

- um lugar isolado
- um gatilho inerte mas volátil
- um catalisador que dispare o gatilho
- um elemento de sorte ou de acaso na maneira como o gatilho foi posicionado
- um contexto que não compreendemos
- um comportamento a respeito de energia que não compreendemos
- uma abordagem de linguagem que não compreendemos

— E depois, o quê? — pergunta Cheney numa das reuniões da equipe. — Um estudo cuidadoso dos milagres dos santos, ocorrências inexplicáveis relatadas com exagero, bezerros de duas cabeças anunciando o apocalipse, para ver se alguma coisa acerta o alvo?

Whitby é um debatedor acalorado a essa altura, que gosta de problematizar, que desfere uma réplica demonstrando não estar apenas disposto a agarrar o touro de Cheney pelos chifres, mas a abatê-lo, esfolá-lo, assá-lo.

— Ela age um pouco como um organismo, como uma pele que tem um milhão de bocas famintas em vez de células ou poros. E a questão não é *o que* ela é, mas quais são suas motivações. Pense na Área X como um assassino que estamos tentando apanhar.

— Ah, ótimo, essa foi muito boa, agora temos um detetive na equipe — murmura Cheney enquanto você faz sinal para que ele se cale e Grace tenta colaborar dando um sorriso penoso.

A verdade é que você disse a Whitby para agir como um detetive, numa tentativa de “pensar as coisas fora do Comando Sul”.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Aceitação (Comando Sul Livro 3)" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).